
**ANÁFORAS ENCAPSULADORAS EM PRONUNCIAMENTOS POLÍTICOS NA ONU:
UMA ANÁLISE TEXTUAL-DISCURSIVA COMPARATIVA DOS DISCURSOS DE JAIR
BOLSONARO (2019) E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA (2023)**

*ENCAPSULATING ANAPHORA IN POLITICAL ADDRESSES AT THE UN: A COMPARATIVE
TEXTUAL-DISCURSIVE ANALYSIS OF THE SPEECHES BY JAIR BOLSONARO (2019) AND
LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA (2023)*

Samuel Figueira-Cardoso¹

Mateusz Grzegorzczuk²

RESUMO

Este artigo examina o funcionamento das anáforas encapsuladoras em dois pronunciamentos presidenciais brasileiros na Assembleia Geral das Nações Unidas, o discurso de Jair Bolsonaro, em 2019, e o de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2023. Filiado à Linguística Textual, o estudo toma o encapsulamento como operação referencial e argumentativa pela qual um sintagma nominal condensa, sob a forma de objeto de discurso, uma porção cotextual mais ampla, simultaneamente resumindo o já dito e orientando a continuidade do projeto de dizer. A análise mobiliza, em arranjo articulado, contribuições de Conte (2003), Francis (2003), Koch (2003), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) e Cavalcante et al. (2022), com aporte complementar da reflexão sobre referenciação e argumentação em Graeff (2007), Amossy (2018) e Figueira-Cardoso (2022). A pesquisa é qualitativa, interpretativa e descritivo-analítica. Seis fragmentos textuais foram selecionados pela ocorrência da anáfora encapsuladora e relevância argumentativa, cada um submetido a um procedimento analítico que descreve forma linguística, direção referencial, extensão do cotexto encapsulado, função textual-discursiva e valor avaliativo. Os resultados evidenciam que, em Bolsonaro, predominam rótulos avaliativos de polaridade negativa voltados à delimitação de adversários e à defesa de uma agenda soberanista; em Lula, predominam encapsuladores sistêmicos e institucionais que condensam crises globais e justificam a reforma do multilateralismo.

Palavras-chave: *anáfora encapsuladora; referenciação; argumentação; discurso político; pronunciamentos na ONU.*

¹ Professor Adjunto de Linguística no Departamento de Estudos Brasileiros do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Faculdade de Línguas Modernas da Universidade de Varsóvia. Doutor em Linguística e Líder de Iandé Research Group na mesma instituição. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0680-458X>. E-mail: s.figueira-ca2@uw.edu.pl.

² Mestrando em Estudos Brasileiros pelo programa de Pós-Graduação em Filologia Ibérica do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia. É licenciado em Letras - Estudos Brasileiros e em Letras - Estudos Ucrânicos pela mesma universidade. Membro do Iandé Research Group. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9251-4328>. E-mail: m.grzegorzczuk10@student.uw.edu.pl.

ABSTRACT

This article examines the functioning of encapsulating anaphora in two Brazilian presidential addresses delivered at the United Nations General Assembly, the 2019 speech by Jair Bolsonaro and the 2023 speech by Luiz Inácio Lula da Silva. Grounded in Text Linguistics, the study treats encapsulation as a referential and argumentative operation through which a nominal phrase condenses, in the form of a discourse object, a broader stretch of cotext, simultaneously summarising what has been said and orienting the speaker's argumentative project. The analysis combines contributions from Conte (2003), Francis (2003), Koch (2003), Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014) and Cavalcante et al. (2022), with complementary input from research on reference and argumentation (Graeff, 2007; Amossy, 2018; Figueira-Cardoso, 2022). The research is qualitative, interpretive and descriptive-analytic. Six text fragments were selected for their encapsulating productivity and argumentative relevance, each one subjected to a protocol that describes linguistic form, referential direction, extent of co-text encapsulated, textual-discursive function and evaluative value. The findings show that, in Bolsonaro's speech, evaluative labels of negative polarity prevail, oriented to the delimitation of adversaries and to the defence of a sovereigntist agenda; in Lula's speech, systemic and institutional encapsulators prevail, condensing global crises and justifying the reform of multilateralism.

Keywords: *encapsulating anaphora; reference; argumentation; political discourse; UN addresses.*

Introdução

Os pronunciamentos presidenciais na Assembleia Geral das Nações Unidas constituem um dos gêneros mais cuidadosamente planejados do discurso político contemporâneo. Pronunciados anualmente diante de uma audiência global, esses textos articulam projeto de imagem nacional, balanço de governo, posicionamento ideológico e visada argumentativa em poucos minutos de fala. Por tradição diplomática estabelecida em 1955, o Brasil ocupa a primeira posição na ordem de oradores, o que confere ao pronunciamento brasileiro visibilidade simbólica adicional e o responsabiliza por inaugurar o tom do debate global anual. Essa condição de abertura, somada à hibridez funcional do gênero (balanço, denúncia, proposta, legitimação) e à destinação dupla (auditório imediato dos representantes e auditório nacional acompanhando pela imprensa), resulta em elevado grau de monitoramento textual-discursivo, de modo que cada escolha lexical, sintática e referencial tende a ser cuidadosamente ponderada.

A condensação imposta pelo gênero é, ela mesma, uma operação textual na qual o orador precisa transformar acontecimentos complexos, sequências de medidas administrativas, crises globais e diagnósticos sociais em objetos de discurso suficientemente compactos para serem nomeados, retomados, avaliados e mobilizados no fluxo argumentativo. É nesse ponto que a

anáfora encapsuladora se revela um recurso central. Por anáfora encapsuladora entende-se, na tradição da Linguística Textual, uma expressão referencial, em geral nominal, que condensa uma porção do cotexto, transformando-a em objeto de discurso avaliável (Conte, 2003; Francis, 2003; Koch, 2003). Diferentemente da retomada correferencial simples, em que uma expressão remete a um referente já nomeado, o encapsulador opera uma síntese, recortando proposições, eventos, sequências argumentativas ou blocos temáticos inteiros e lhes atribui um rótulo, em geral acompanhado de carga avaliativa. Trata-se de operação simultaneamente retrospectiva e prospectiva, na medida em que ancora o que foi dito e projeta a continuidade do projeto de dizer (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014).

O exame desse mecanismo no discurso político é especialmente produtivo porque permite observar, em escala microtextual, o trabalho de construção do adversário, a justificação de medidas governamentais e a legitimação institucional. Quando Bolsonaro qualifica como *essa absurda proposta* a sugestão de sanções ao Brasil discutida na cúpula do G7, ele não apenas retoma o conteúdo proposicional; recategoriza-o sob uma categoria avaliativa que, no mesmo gesto, delimita o adversário diplomático e protege o enquadramento soberanista do pronunciamento. Quando Lula da Silva, por sua vez, condensa em *tamanha injustiça* toda a cadeia de privações sociais descritas no parágrafo anterior, converte um diagnóstico disperso em objeto moralmente condenável e abre espaço para a proposta de reforma do multilateralismo. Em ambos os casos, o encapsulador não é mero mecanismo de coesão, mas sim um dispositivo de visada argumentativa.

Estudos brasileiros recentes têm acumulado evidências de que escolhas referenciais aparentemente locais carregam densidade argumentativa significativa, sobretudo em corpora de natureza polêmica (Silva, 2011; Graeff, 2007; Figueira-Cardoso, 2022). O presente estudo dialoga com essa tradição, mas se distingue dela pela escolha do gênero pronunciamento na ONU, ainda pouco explorado pela Linguística Textual brasileira, e pela comparação entre dois projetos persuasivos contrastantes, cuja coexistência no mesmo gênero textual permite observar com nitidez as variações de uso do mesmo mecanismo gramatical.

Cabe mencionar que este estudo nasce de uma apresentação realizada no I Encontro Internacional Iandé, Línguas e Culturas Brasileiras, e do VI Fórum para a Internacionalização do Português, na Universidade de Varsóvia, em maio de 2026. A presente versão, ampliada e revista, aprofunda a discussão teórica, articulando, de modo mais sistemático, a Linguística Textual e os estudos sobre referência e argumentação.

Três perguntas orientam o estudo, a saber: i) que tipos de rótulos são mobilizados pelos dois presidentes para condensar problemas, adversários, crises e instituições?; ii) em que medida a forma linguística, a direção referencial e a extensão do cotexto encapsulado se correlacionam com a função argumentativa atribuída ao encapsulador?; iii) que diferenças sistemáticas se observam entre Bolsonaro e Lula da Silva quanto ao valor avaliativo dos encapsuladores e ao projeto de dizer que eles sustentam? O objetivo geral é comparar, sob perspectiva textual-discursiva e argumentativa, o funcionamento das anáforas encapsuladoras nos dois pronunciamentos, descrevendo como cada presidente mobiliza esse recurso na construção de seu posicionamento político-discursivo na arena multilateral.

Referência e argumentação nos discursos

A virada construtivista na Linguística Textual brasileira, consolidada a partir dos anos 2000, tem como uma de suas formulações mais sintéticas a proposta de Koch (2003), para quem a referenciação corresponde a uma atividade cognitivo-discursiva e interacional, e não a uma operação de simples atribuição de palavras a objetos do mundo. Nessa perspectiva, os referentes são objetos de discurso, ou seja, entidades construídas e reconstruídas no curso do texto, por meio de operações de introdução, manutenção, recategorização e reativação (Koch, 2003; Marcuschi, 2008; Cavalcante *et al.*, 2022). A formulação tem origem nos trabalhos de Mondada e Dubois (2003) e de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que defendem o caráter localmente construído e cooperativo da atividade referencial.

Essa concepção defende que o referente deixa de ser tomado como entidade prévia e estável e passa a ser descrito como produto da atividade textual. Ao examinarmos uma cadeia referencial, não estamos diante de uma sequência de menções a uma mesma entidade, mas diante de uma trajetória de construção em que o objeto de discurso vai sendo configurado por diferentes formas, predicções, modificadores e enquadramentos avaliativos. Além disso, a recategorização opera como dimensão constitutiva do processo, isto é, cada nova ocorrência confirma, modifica ou desconfirma o referente em curso (Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014). A referenciação, assim, não pode ser separada da progressão tópica e da orientação argumentativa, pois a forma escolhida para nomear um referente já é, em si, uma escolha de valor (Silva, 2011).

Quando um orador escolhe nomear uma sugestão diplomática como *absurda proposta*, ou um conjunto de crises globais como esses desafios, não está apenas etiquetando algo que já existia previamente; está construindo, no fio do discurso, um objeto avaliável que pode então ser

tomado como base para predicacões subsequentes, encaminhamentos argumentativos e propostas de ação. A forma referencial opera como instrução de leitura para o auditório. Aplicações dessa formulação a corpora institucionais e a contextos plurilíngues têm confirmado a produtividade da abordagem sociocognitiva (Figueira-Cardoso, 2022; Oliveira; Figueira-Cardoso, 2023; Pinheiro; Cassiano, 2023).

Três processos referenciais maiores se distinguem no quadro consolidado pela LT: a introdução referencial, a anáfora (em suas modalidades direta e indireta) e a dêixis (Cavalcante *et al.* 2022). A anáfora indireta, em particular, mobiliza referente novo, inferencialmente ancorado em elementos do cotexto ou em conhecimentos enciclopédicos compartilhados (Marcuschi, 2005). É no interior desse quadro que se situa a anáfora encapsuladora. Mais do que retomar um referente individual ou inferir um referente novo a partir de uma âncora pontual, o encapsulador opera uma síntese sobre uma porção mais ampla do cotexto. Como observa Koch (2003), as expressões nominais com função de sumarização constituem casos especialmente produtivos da atividade referencial, porque permitem ao locutor estabilizar tópicos extensos sob a forma de um objeto de discurso compacto, que pode então ser submetido a predicacão, avaliação e desenvolvimento argumentativo.

A noção de encapsulamento anafórico, na formulação clássica de Conte (2003, p. 178), corresponde a “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva para uma porção precedente do texto”, podendo essa porção “ser de extensão e complexidade variada (um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença)”. A definição, embora central, precisa ser complementada pela noção de rotulação, sistematizada por Francis (2003) na tradição britânica da análise textual. Para a autora, os rótulos discursivos constituem grupos nominais que organizam o texto ao nomear um segmento prévio (rotulação retrospectiva) ou anunciar um segmento posterior (rotulação prospectiva). Esse aspecto é particularmente relevante para o discurso político, no qual oradores frequentemente anunciam categorias avaliativas antes de explicitar o conteúdo a que se referem.

Como observam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 113), o encapsulamento opera uma síntese semântica, mas essa síntese nunca é axiologicamente neutra, pois “ao nomear, sob uma forma sintética, o que já foi dito, o sintagma encapsulador atribui ao referente assim construído uma categoria, e essa categoria carrega, em geral, uma orientação avaliativa”. O critério importante para distinguir o encapsulamento de outros mecanismos referenciais, portanto, é a presença simultânea da condensação semântica e da rotulação avaliativa.

Para os propósitos deste artigo, organizamos os encapsuladores em quatro dimensões descritivas, que constituirão o quadro analítico apresentado na próxima seção. A primeira dimensão, relativa à forma linguística do sintagma, distingue cinco classes: pronomes neutros (isto, isso, aquilo); sintagmas nominais demonstrativos com nome geral (essa proposta, esses fenômenos); sintagmas demonstrativos com nome abstrato avaliativo (essa absurda proposta, essa fragilidade); sintagmas com núcleo metafórico ou metonímico (rastros de morte, turbilhão de crises); e sintagmas com núcleo institucional (essa mentalidade, essa ideologia). Cada classe carrega potencialidades argumentativas próprias: os pronomes neutros tendem a operar em direção prospectiva, os demonstrativos com nome abstrato avaliativo realizam, na própria forma, uma instrução de leitura, e os sintagmas metafóricos intensificam dramaticamente o referente.

A segunda dimensão concerne à direção referencial, manifestada em três modalidades são possíveis: retrospectiva (caso clássico descrito por Conte, 2003), prospectiva (rotulação antecipatória, na formulação de Francis, 2003) e mista, observada por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), em que o encapsulador opera em ambas as direções, articulando dois blocos argumentativos. A terceira dimensão é a extensão do cotexto encapsulado, que pode ir de uma oração a um bloco argumentativo extenso. Quanto maior a extensão, maior o efeito de síntese e, em geral, maior o peso argumentativo da operação. A quarta dimensão é o valor axiológico, com quatro polaridades possíveis: positiva, negativa, ambivalente ou predominantemente descritiva. Em discursos políticos polêmicos, a polaridade negativa tende a prevalecer, sobretudo quando o orador busca delimitar adversários, embora a polaridade positiva opere na construção de aliados e na legitimação de propostas.

A articulação entre referenciação e argumentação tem sido objeto de atenção crescente na Linguística Textual brasileira. Silva (2011, p. 24), ao examinar artigos de opinião, demonstra que as expressões anafóricas nominais cumprem função argumentativa decisiva, sobretudo quando seu núcleo nominal carrega carga avaliativa explícita: a relação entre referenciar e argumentar é bastante estreita em função, principalmente, dos termos que acompanham o nome-núcleo, seja em posição anterior ou posterior. Anteriormente, de modo convergente, Graeff (2007), ao analisar o encadeamento argumentativo em textos opinativos, mostra que o encapsulador funciona como nó argumentativo, sintetizando uma sequência prévia e abre o espaço para a continuidade do raciocínio. A reflexão pode ser ampliada com a contribuição de Amossy (2018), no quadro da Teoria da Argumentação no Discurso, para quem a argumentação não se reduz aos encadeamentos formais explícitos, distribuindo-se pelo conjunto do texto, em escolhas lexicais, em formas referenciais, em modalizadores e em estratégias enunciativas. A noção amossyana de

visada argumentativa permite observar que cada encapsulador participa de um projeto persuasivo mais amplo, ao recortar e nomear o cotexto de modo a orientar a leitura do auditório.

A dimensão argumentativa do encapsulamento manifesta-se em pelo menos três planos. O primeiro corresponde à seleção lexical do núcleo nominal: a escolha entre proposta, sugestão, medida ou intromissão para nomear o mesmo conteúdo proposicional não é semanticamente equivalente, pois cada uma dessas formas instala um enquadramento avaliativo distinto. O segundo plano diz respeito aos modificadores, em especial aos adjetivos e aos determinantes demonstrativos. Em português, a posição do adjetivo avaliativo opera distinções argumentativas reconhecidas pela gramática tradicional e retomadas pelos estudos textuais (Koch, 2003): adjetivos antepostos tendem a expressar avaliação subjetiva do enunciador, ao passo que adjetivos pospostos tendem a expressar classificação descritiva. A combinação *essa absurda proposta*, com adjetivo anteposto, inscreve o orador como instância avaliadora; já a combinação alternativa da expressão *essa proposta absurda* deslocaria o efeito para a esfera descritiva. O terceiro plano refere-se à inserção do encapsulador na arquitetura sequencial do discurso: conforme sua posição, o sintagma pode funcionar como cabeçalho temático, como fecho conclusivo ou como ponto de transição entre blocos argumentativos.

Esses três planos articulam-se com a noção de plano de texto, sistematizada na tradição brasileira por Marquesi, Elias e Cabral (2017), que corresponde à organização global do texto e ao modo como as informações se estruturam em sequências e blocos, em correspondência com as intenções do produtor. Em um pronunciamento presidencial na ONU, o plano de texto típico envolve saudações iniciais, balanço do governo, diagnóstico de problemas globais, propostas de ação e fechamento solene; cada um desses blocos costuma ser articulado por encapsuladores que, ao mesmo tempo, fecham o bloco anterior e abrem o seguinte. Essa função articuladora torna-se especialmente visível em pronunciamentos longos, como os analisados neste artigo.

Metodologia

Este artigo configura-se como pesquisa qualitativa, interpretativa e descritivo-analítica. O corpus é constituído por dois pronunciamentos presidenciais brasileiros na Assembleia Geral das Nações Unidas: o de Jair Bolsonaro, em 2019 (Bolsonaro, 2019), e o de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2023 (Lula da Silva, 2023). A escolha deve-se ao contraste entre os dois projetos de

dizer e ao fato de que ambos foram os primeiros pronunciamentos de cada presidente em ano de início (ou retorno) de mandato, com forte dimensão de balanço e posicionamento programático.

Em cada pronunciamento, foram selecionados três fragmentos, totalizando seis fragmentos de análise. A seleção obedeceu a quatro critérios definidos previamente:

- presença de pelo menos uma anáfora encapsuladora identificada conforme os critérios da seção anterior;
- relevância argumentativa do encapsulador para a progressão temática do pronunciamento;
- extensão do cotexto encapsulado suficiente para permitir descrição da operação de síntese;
- representatividade temática dentro do projeto de dizer de cada presidente.

Aplicados conjuntamente, esses critérios produziram um recorte focal e demonstrativo, não exaustivo. O Quadro 1 sintetiza o protocolo analítico aplicado a cada fragmento.

Quadro 1: Critérios de análise das anáforas encapsuladoras

Dimensão	Descrição
Forma linguística	Pronome neutro; sintagma nominal demonstrativo com nome geral; sintagma demonstrativo com nome abstrato avaliativo; sintagma com núcleo metafórico metonímico; sintagma com núcleo institucional.
Direção referencial	Retrospectiva (sumariza segmento prévio); prospectiva (antecipa segmento posterior); mista (articula ambas as direções).
Extensão do cotexto encapsulado	Oração; período; sequência enumerativa; parágrafo; bloco argumentativo extenso.
Função textual-discursiva	Sumarização; rotulação; recategorização; estabilização tópica; transição argumentativa; preparação propositiva.
Valor avaliativo	Positivo; negativo; ambivalente; predominantemente descritivo.

Fonte: elaborado pelos autores, com base em Conte (2003), Francis (2003), Koch (2003) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

Cada fragmento é apresentado em uma única exibição, com marcação tipográfica direta: o encapsulador analisado aparece em verde sublinhado; eventuais modificadores avaliativos do núcleo nominal aparecem em negrito. Após o fragmento, segue um parágrafo analítico em que se descrevem as cinco dimensões do procedimento adotado, em diálogo com a teoria mobilizada na seção de revisão de literatura. Na elaboração deste trabalho, foi utilizada a ferramenta Claude (Anthropic), versão 4.7, como recurso auxiliar em etapas de revisão linguístico-estilística. A

concepção do estudo, a delimitação do objeto, a definição do quadro teórico-metodológico, a seleção e conferência da bibliografia, bem como a revisão e redação final, são de responsabilidade integral dos autores.

Anáforas encapsuladoras nos pronunciamentos: análise

Os seis fragmentos são apresentados em duas subseções, dedicadas ao pronunciamento de Bolsonaro (2019) e ao de Lula da Silva (2023). Em cada subseção, os fragmentos seguem a ordem de ocorrência no pronunciamento.

Pronunciamento de Jair Bolsonaro (2019)

Figura 1: Presidente Jair Bolsonaro durante o seu discurso na Assembleia Geral da ONU.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hrPfofIQCSE>

Fragmento 1: A reação às discussões do G7 e a defesa da soberania.

Questionaram aquilo que nos é mais sagrado: a nossa soberania! Um deles por ocasião do encontro do G7 ousou sugerir aplicar sanções ao Brasil, sem sequer nos ouvir. Agradeço àqueles que não aceitaram levar adiante *essa absurda proposta*. Em especial, ao Presidente Donald Trump, que bem sintetizou o espírito que deve reinar entre os países da ONU: respeito à liberdade e à soberania de cada um de nós (Bolsonaro, 2019).

O sintagma *essa absurda proposta* opera como anáfora encapsuladora retrospectiva. O núcleo nominal *proposta* condensa, em um único objeto de discurso, a sequência argumentativa composta pelo período anterior, que descreve o questionamento da soberania, o encontro do G7 e a sugestão de sanções. A forma linguística é a de um sintagma nominal demonstrativo

(determinante + adjetivo avaliativo anteposto + nome abstrato). A direção é retrospectiva, e a extensão do cotexto encapsulado é a do período imediatamente anterior. A função textual-discursiva é dupla: sumarização e rotulação avaliativa. O valor axiológico é fortemente negativo, intensificado pelo adjetivo anteposto *absurda*.

Em termos de visada argumentativa, na formulação de Amossy (2018), o encapsulador realiza dois movimentos simultâneos. Primeiro, recategoriza uma sugestão diplomática em *absurda proposta*, deslegitimando seu conteúdo. Segundo, prepara a transição para o reconhecimento explícito a Donald Trump, cuja autoridade é instalada por contraposição ao adversário implícito (o líder do G7 que ousou sugerir). A seleção do núcleo *proposta*, em vez de alternativas como *sugestão* ou *ideia*, carrega densidade institucional: *proposta* implica formulação deliberada e produz, em conjunto com o modificador *absurda*, um efeito de gravidade que *absurda ideia* não alcançaria. Trata-se, na terminologia de Conte (2003), de nó textual em que a sequência argumentativa se condensa antes de prosseguir, padrão recorrente em Bolsonaro: fechar uma sequência crítica com encapsulador avaliativo intenso e abrir, em seguida, uma sequência elogiosa.

Fragmento 2: A ideologia como adversário moral.

A ideologia se instalou no terreno da cultura, da educação e da mídia, dominando meios de comunicação, universidades e escolas. A ideologia invadiu nossos lares para investir contra a célula mater de qualquer sociedade saudável, a família. Tentam ainda destruir a inocência de nossas crianças, pervertendo até mesmo sua identidade mais básica e elementar, a biológica. O politicamente correto passou a dominar o debate público para expulsar a racionalidade e substituí-la pela manipulação, pela repetição de clichês e pelas palavras de ordem. A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que Ele nos revestiu. E, com *esses métodos*, *essa ideologia* sempre deixou um rastro de morte, ignorância e miséria por onde passou (Bolsonaro, 2019).

Aqui dois encapsuladores operam em sequência, *esses métodos* e *essa ideologia*, produzindo encapsulamento cumulativo. Ambos são sintagmas nominais demonstrativos. O primeiro, *esses métodos*, condensa a longa sequência argumentativa anterior sobre cultura, educação, mídia, família, identidade infantil, debate público e religião. O núcleo nominal *métodos*, pela própria semântica do termo, instala leitura instrumental e premeditada do conjunto dos eventos descritos. O segundo, *essa ideologia*, retoma o sujeito que vinha sendo iterativamente predicado nos cinco períodos anteriores (cinco ocorrências de *a ideologia* como sujeito), estabilizando-o como entidade discursiva responsável por uma atuação coordenada. A direção é retrospectiva e a extensão do cotexto é considerável: cinco períodos sucessivos. A

função textual-discursiva é a estabilização adversarial, em que os encapsuladores convertem o agente difuso em um adversário discursivo nomeado e identificável, ao qual podem ser atribuídas predicções morais.

O uso do determinante demonstrativo de proximidade (*esses, essa*) merece atenção. Em comparação com *aqueles* e *aquela*, os demonstrativos de proximidade textual operam dois efeitos correlatos: marcam a coesão imediata com o cotexto precedente e produzem efeito de presença, como se o referente estivesse imediatamente disponível ao auditório. Em termos da articulação entre referenciação e argumentação proposta por Silva (2011), a iteração lexical de *a ideologia* ao longo dos cinco períodos anteriores opera como preparação argumentativa para o encapsulador final: o orador constrói o referente em sequência, predicando-o repetidamente como agente agressivo (*instalou-se, invadiu*), antes de estabilizá-lo, no último período, sob a forma do sintagma encapsulador. O encapsulamento culmina, assim, uma construção referencial cumulativa, em que cada ocorrência prévia contribui para a densidade do encapsulador final. A expressão *com esses métodos* desempenha, no plano argumentativo, função de operador causal: o encapsulador permite ao orador estabelecer relação de causalidade entre o agente recém-estabilizado e o resultado predicado (*rastro de morte, ignorância e miséria*), em uma única expressão referencial sumariadora.

Fragmento 3: A verdade como objetivo programático.

Nas questões do clima, da democracia, dos direitos humanos, da igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, e em tantas outras, tudo o que precisamos é *isto*: contemplar a verdade, seguindo João 8,32: *E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*. Todos os nossos instrumentos, nacionais e internacionais, devem estar direcionados, em última instância, para *esse objetivo* (Bolsonaro, 2019).

O fragmento exhibe dois encapsuladores de direções referenciais distintas, articulando o que se pode descrever como circuito encapsulador completo. O primeiro, *isto*, é um pronome neutro com direcionalidade prospectiva (catafórica): anuncia, sob a forma de uma expressão linguística mínima, o conteúdo proposicional que será imediatamente desenvolvido (a fórmula *contemplar a verdade*, seguida da citação bíblica). O segundo, *esse objetivo*, é um sintagma nominal demonstrativo com direção retrospectiva, que retoma a formulação anunciada por *isto* e a converte em categoria normativa: o que era anunciado como conteúdo a vir torna-se *o objetivo* que deve orientar a ação dos instrumentos nacionais e internacionais. O movimento é típico do

encapsulamento misto descrito por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014): o pronome neutro abre a operação, e o sintagma nominal a fecha.

O fragmento articula três operações simultâneas. A primeira é o encapsulamento prospectivo, em que *isto* anuncia o conteúdo a ser desenvolvido. A segunda é a citação bíblica intercalada, que opera como autoridade externa, instalando a categoria *verdade* sob o registro religioso. A terceira é o encapsulamento retrospectivo final, *esse objetivo*, que retoma toda a sequência intermediária e a converte em diretriz programática. A função textual-discursiva é, portanto, dupla: instalar uma categoria normativa universal e fundamentá-la como princípio orientador da política externa. No plano da operação referencial, a expressão *contemplar a verdade* é semanticamente vaga, não delimitando conteúdos específicos. Essa vagueza funciona como plasticidade argumentativa: permite ao orador instalar um princípio amplo o suficiente para subsumir, sob seu rótulo, qualquer agenda específica subsequente. O valor avaliativo do encapsulador é positivo, e a articulação prospectiva/retrospectiva produz, na perspectiva amossyana, um nó textual de alta densidade, em que a forma referencial e a visada argumentativa coincidem.

Pronunciamento de Luiz Inácio Lula da Silva (2023)

Figura 2: Presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante o seu discurso na Assembleia Geral da ONU.



Fonte:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/09/19/leia-a-integra-do-discurso-de-lula-na-assembleia-geral-da-onu.ghlml>

Fragmento 4: A desigualdade global como objeto de discurso.

O destino de cada criança que nasce neste planeta parece traçado ainda no ventre de sua mãe. A parte do mundo em que vivem seus pais e a classe social à qual pertence sua família irão determinar se essa criança terá ou não oportunidades ao longo da vida. Se irá fazer todas as refeições ou se terá negado o direito de tomar café da manhã, almoçar e jantar diariamente. Se terá acesso à saúde, ou se irá sucumbir a doenças que já poderiam ter sido erradicadas. Se completará os estudos e conseguirá um emprego de qualidade, ou se fará parte da legião de desempregados, subempregados e desalentados que não para de crescer. É preciso, antes de tudo, vencer a resignação, que nos faz aceitar *tamanha injustiça* como fenômeno natural (Lula da Silva, 2023).

O sintagma *tamanha injustiça* opera como anáfora encapsuladora retrospectiva. O núcleo é um nome abstrato avaliativo, *injustiça*, precedido por modificador intensificador, *tamanha*, que opera como gradação ascendente. O cotexto encapsulado é particularmente extenso: trata-se de sequência enumerativa de privações sociais (alimentação, saúde, escolarização, emprego) ancorada no destino diferenciado das crianças conforme classe social e geografia. A função textual-discursiva é a conversão de descrição empírica em categoria moral: o encapsulador transforma série de privações dispersas em um único objeto de discurso, ao qual se pode aplicar predicação avaliativa unificada. O valor axiológico é fortemente negativo, mas, diferentemente dos encapsuladores de Bolsonaro, o adversário não é nomeado: o que se nomeia é uma estrutura, *a resignação*, que faz aceitar a desigualdade como dada. A visada argumentativa é sistêmica.

Três aspectos merecem comentário, em diálogo com a formulação de Silva (2011) sobre o papel dos modificadores na construção argumentativa do encapsulador. Primeiro, a estrutura paralelística do parágrafo encapsulado: as privações são organizadas em quatro condicionais sucessivos (*se irá / se terá / se completará / se fará parte*), produzindo efeito sintático de acumulação que o encapsulador final sumariza em uma única categoria axiológica. Segundo, o modificador intensificador *tamanha* carrega função argumentativa específica: diferentemente de adjetivos avaliativos como *absurda* ou *ilegítima*, que polemizam diretamente, *tamanha* opera por escala, produzindo impressão de magnitude desproporcional sem qualificar moralmente um agente individualizado. Esse traço é compatível com a visada de Lula, que tende a construir a desigualdade como fenômeno estrutural, e não como produto de uma agência adversarial nomeada. Terceiro, o sintagma *como fenômeno natural* no fim da sequência opera como predicação metaenunciativa, em que o orador comenta a categoria que está construindo, denunciando a naturalização da desigualdade como efeito ideológico a ser combatido.

Fragmento 5: As crises múltiplas e a desigualdade como matriz.

A comunidade internacional está mergulhada em um *turbilhão de crises múltiplas e simultâneas*: a pandemia da Covid-19; a crise climática; e a insegurança alimentar e energética ampliadas por crescentes tensões geopolíticas. O racismo, a intolerância e a xenofobia se alastraram, incentivadas por novas tecnologias criadas supostamente para nos aproximar. Se tivéssemos que resumir em uma única palavra *esses desafios*, ela seria desigualdade. A desigualdade está na raiz *desses fenômenos* ou atua para agravá-los (Lula da Silva, 2023).

O fragmento exhibe arquitetura encapsuladora particularmente densa, com três operações encadeadas. A primeira é a expressão *turbilhão de crises múltiplas e simultâneas*, que funciona como encapsulador prospectivo: o núcleo metafórico *turbilhão* condensa, em um único sintagma, a previsão de múltiplos elementos a serem elencados, e o parágrafo prossegue com a enumeração que detalha o conteúdo do *turbilhão* (pandemia, crise climática, insegurança alimentar e energética, tensões geopolíticas, racismo, intolerância, xenofobia). O sintagma *crises múltiplas e simultâneas* constitui ele mesmo modificação argumentativa do núcleo *crises*: *múltiplas* intensifica em quantidade, *simultâneas* intensifica em temporalidade.

A segunda operação é a sucessão de dois encapsuladores retrospectivos, *esses desafios* e *desses fenômenos*, que retomam, sob ângulos distintos, a sequência enumerativa anterior. A reformulação não é redundância: corresponde a deslocamento argumentativo, da enunciação do problema à sua explicação causal. *Desafios* tem valor neutro-ativo (algo a enfrentar); *fenômenos* tem valor descritivo-explicativo (algo a explicar). Esse afilamento da categoria é, em nosso entender, uma das operações mais finas do pronunciamento, e sustenta a articulação entre diagnóstico e proposta que estrutura o discurso de Lula. A terceira operação é a introdução de *desigualdade* como categoria explicativa única, candidata a resumir o conjunto dos fenômenos. A construção *se tivéssemos que resumir em uma única palavra esses desafios* é, em si, metaenunciativa: o orador comenta a própria operação de síntese que está realizando. A categoria *desigualdade* opera como hiperonímia argumentativa, subsumindo os elementos previamente enumerados, e a operação culmina com a expressão *a desigualdade está na raiz*, que metaforiza a relação causal em termos botânicos (raiz/fenômeno).

Fragmento 6: O Conselho de Segurança e a urgência da reforma.

O Conselho de Segurança da ONU vem perdendo progressivamente sua credibilidade. *Essa fragilidade* decorre em particular da ação de seus membros permanentes, que travam guerras não autorizadas em busca de expansão territorial ou de mudança de regime. *Sua paralisia* é a prova mais eloquente da necessidade e urgência de reformá-lo, conferindo-lhe maior representatividade e eficácia (Lula da Silva, 2023).

O fragmento exhibe encadeamento encapsulador expressivo. O primeiro encapsulador, *essa fragilidade*, retoma o período inicial (*perdendo progressivamente sua credibilidade*) e o recategoriza sob a forma de nome abstrato avaliativo. A operação é dupla: condensação semântica (uma cláusula verbal converte-se em sintagma nominal) e recategorização axiológica (a perda de credibilidade, descrição neutra de um processo, transforma-se em *fragilidade*, categoria diagnóstica). O segundo encapsulador, *sua paralisia*, opera intensificação: a fragilidade anunciada no encapsulador anterior é agora reformulada como *paralisia*, grau extremo de incapacidade funcional. O encadeamento *fragilidade* / *paralisia* produz escalada avaliativa progressiva, que justifica, no plano argumentativo, a categoria final *necessidade e urgência de reformá-lo*. Em termos da Teoria da Argumentação no Discurso (Amossy, 2018), a sequência configura movimento clássico de constatação, recategorização e proposta: descreve-se um estado de coisas, recategoriza-se em termos cada vez mais dramáticos, e disso decorre a necessidade de ação corretiva.

Dois traços formais reforçam essa leitura. Primeiro, ambos os encapsuladores trazem determinantes possessivos discretos (*essa fragilidade*, *sua paralisia*). O possessivo *sua*, em particular, marca relação de pertencimento entre o atributo e o referente Conselho de Segurança, reforçando a leitura institucional do problema: não se trata de fragilidade abstrata, mas de *sua paralisia*, propriedade atribuída ao agente institucional, mesmo quando esse agente não aparece explicitamente nomeado no sintagma encapsulador. Segundo, o uso de núcleos nominais derivados de processos verbais (*fragilidade* / *paralisia*) opera nominalização que converte processos em estados: *perdendo progressivamente*, verbo no gerúndio, é convertido em *fragilidade*, nome abstrato que cristaliza o processo. Estados são mais facilmente predicáveis que processos, e estados negativos pedem, por implicação, intervenção corretiva. A sequência *essa fragilidade decorre em particular da ação...* instala, ademais, o encapsulador como sujeito de cláusula causal, atribuindo agentividade ao novo referente. O encapsulamento, assim, não só sumariza: cria agente discursivo passível de ser inserido em relações causais explícitas, padrão que distingue nitidamente Lula da Silva (2023) de Bolsonaro (2019), em que os encapsuladores tendem a operar como predicados, e não como sujeitos de relações causais explícitas.

Comparando o encapsulamento em dois projetos de dizer

A análise dos seis fragmentos permite descrever, em paralelo, dois projetos de dizer distintos, ambos mobilizando intensamente o recurso da anáfora encapsuladora, mas com

escolhas sistemáticas divergentes em quase todas as dimensões analisadas. A diferença não está no mecanismo gramatical, pois tanto Bolsonaro quanto Lula da Silva utilizam sintagmas nominais demonstrativos, nomes abstratos avaliativos e encadeamentos encapsuladores. A diferença está, antes, no projeto persuasivo a que esses mecanismos servem. O Quadro 2 sintetiza os perfis dominantes em cada pronunciamento.

Quadro 2: Síntese comparativa dos encapsuladores analisados

Dimensão	Bolsonaro (2019)	Lula da Silva (2023)
Forma linguística dominante	Sintagmas nominais demonstrativos com adjetivo avaliativo anteposto (<i>essa absurda proposta; essa ideologia; esses métodos</i>)	Nomes abstratos avaliativos com função diagnóstica (<i>tamanho injustiça; essa fragilidade; sua paralisia</i>); núcleos metafóricos (<i>turbilhão</i>).
Direção referencial predominante	Retrospectiva, com um caso de mista (Fragmento 3).	Retrospectiva, com prospecção metafórica preparatória (Fragmento 5).
Extensão do cotexto encapsulado	De um período a cinco períodos sucessivos.	De um período a parágrafos inteiros com sequência enumerativa.
Função textual-discursiva dominante	Delimitação de adversários; estabilização adversarial; rotulação polêmica.	Condensação de fenômenos estruturais; escalada avaliativa; preparação propositiva.
Valor avaliativo predominante	Negativo, intensificado por adjetivo avaliativo anteposto; léxico moral e religioso.	Negativo, intensificado por modificador escalar (<i>tamanho, múltiplas, simultâneas</i>); léxico sistêmico.
Visada argumentativa global	Defensiva e identitária: proteção da soberania, denúncia de ideologia invasora, legitimação por contraste.	Diagnóstica e propositiva: descrição de fenômenos estruturais e justificação da reforma do multilateralismo.

Fonte: elaborado pelos autores.

Em Bolsonaro, podem ser destacados três traços recorrentes. Em primeiro lugar, predomina a função de delimitação do adversário, já que os encapsuladores recortam, no fluxo do discurso, entidades a serem combatidas (*absurda proposta, essa ideologia, esses métodos*). Em segundo lugar, o valor avaliativo é fortemente negativo, intensificado por adjetivos avaliativos antepostos, conforme já observara Silva (2011) a respeito do papel dos modificadores na construção argumentativa do encapsulador. Em terceiro lugar, o cotexto encapsulado tende a ser dramatizado por meio de léxico moral e religioso, como em rastro de morte, ignorância e miséria. Assim, a visada argumentativa global revela-se defensiva e identitária.

Em Lula da Silva, observam-se três traços convergentes, ainda que distintos. Em primeiro lugar, predominam encapsuladores sistêmicos e institucionais, voltados não à delimitação de

adversários nomeados, mas à condensação de fenômenos estruturais (tamanha injustiça, esses desafios, essa fragilidade). Em segundo lugar, o cotexto encapsulado costuma corresponder a sequências enumerativas de elementos heterogêneos (privações sociais, crises globais, falhas institucionais), unificados sob a forma do encapsulador. Em terceiro lugar, o encapsulamento opera com frequência em encadeamento, produzindo escalada avaliativa progressiva (fragilidade/paralisia) ou recategorização explicativa (esses desafios/desigualdade/desses fenômenos). Assim, a visada argumentativa global revela-se diagnóstica e propositiva.

Diante desses traços, é possível propor uma síntese esquemática dos dois ciclos argumentativos. Em Bolsonaro, o ciclo típico parte da enumeração de eventos ou atributos negativos do adversário, segue para o sintagma nominal demonstrativo com adjetivo avaliativo anteposto, que estabiliza o adversário como objeto de discurso, e se completa na predicação avaliativa cumulativa sobre o objeto recém-estabilizado. Em Lula da Silva, o ciclo parte da descrição enumerativa de fenômenos estruturais, avança para o nome abstrato avaliativo que condensa essa enumeração em categoria diagnóstica, prossegue na reformulação por encapsulador subsequente, que intensifica ou recategoriza a categoria inicial, e desemboca em uma decorrência argumentativa, sob a forma de proposta institucional ou de orientação normativa. O segundo ciclo é, em média, mais longo e mais complexo, o que se correlaciona com a visada propositiva do pronunciamento de Lula da Silva (2023), em contraposição à visada predominantemente defensiva e identitária do pronunciamento de Bolsonaro (2019).

Ainda assim, a correlação entre forma referencial e projeto de dizer não é determinística. Cada pronunciamento contém ocorrências que se desviam do padrão dominante, assim como cada padrão admite variações internas. O que a análise comparativa demonstra é, sobretudo, a recorrência de tendências sistemáticas, observáveis em escala suficiente para autorizar a descrição dos dois projetos persuasivos. Com efeito, a escolha por encapsuladores com adjetivos antepostos polemizantes é mais frequente em Bolsonaro do que em Lula da Silva, ao passo que a escolha por nomes abstratos avaliativos com função diagnóstica é mais frequente em Lula do que em Bolsonaro. Essas tendências, somadas, configuram os dois projetos de dizer delineados no recorte analisado.

Considerações finais

Este artigo descreveu o funcionamento das anáforas encapsuladoras em dois pronunciamentos de diferentes presidentes Silva brasileiros na Assembleia Geral das Nações Unidas. O estudo partiu da hipótese de que o encapsulamento constitui, simultaneamente, mecanismo referencial e dispositivo argumentativo, e a análise de seis fragmentos confirmou essa hipótese. Em Bolsonaro, predominaram rótulos avaliativos de polaridade negativa voltados à delimitação de adversários, ao passo que, em Lula da Silva, predominaram encapsuladores sistêmicos e institucionais voltados à justificação da reforma do multilateralismo. Em ambos os casos, portanto, a forma referencial e a orientação argumentativa operaram em correlação estreita.

Observou-se que os dois presidentes mobilizam tipos relativamente diferentes de rótulos, já que Bolsonaro privilegia sintagmas nominais demonstrativos com adjetivos avaliativos antepostos, enquanto Lula privilegia nomes abstratos avaliativos com função diagnóstica. Além disso, verificou-se que forma linguística, direção referencial e extensão do cotexto encapsulado se correlacionam sistematicamente com a função argumentativa, de modo que encapsuladores de cotexto curto e adjetivo intensificador tendem a operar como rotulação polêmica, ao passo que encapsuladores de cotexto extenso e núcleo abstrato tendem a operar como diagnóstico sistêmico. E ainda, os dados apontam que os dois pronunciamentos diferem não no mecanismo gramatical, mas no projeto persuasivo, configurando, em Bolsonaro, uma defesa identitária da soberania e, em Lula da Silva, um diagnóstico estrutural acompanhado de proposta de reforma multilateral.

Defende-se que a contribuição do estudo reside, no plano teórico, em mostrar que o encapsulamento, descrito originalmente como mecanismo coesivo, constitui também, de modo constitutivo, um operador argumentativo, dialogando com a tradição da Linguística Textual brasileira (Koch, 2003; Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014) e com a Teoria da Argumentação no Discurso (Amossy, 2018). Quanto aos procedimentos analíticos, o estudo oferece, ainda, um percurso descritivo de cinco dimensões (forma, direção, extensão, função, valor) aplicável a outros corpora institucionais. A observação mais aprofundada do estudo, talvez generalizável a outros pronunciamentos diplomáticos, diz respeito ao afilamento referencial entre encapsuladores sucessivos (esses desafios/desses fenômenos), em que a reformulação não redundante promove um deslocamento argumentativo da enunciação do problema à sua explicação causal.

Duas limitações, contudo, merecem ser explicitadas. A primeira refere-se à dimensão do corpus, uma vez que seis fragmentos extraídos de dois pronunciamentos não autorizam

generalizações estatísticas sobre o discurso político brasileiro. As regularidades observadas valem para os dois textos examinados; sua extensão para o corpus mais amplo dos pronunciamentos brasileiros na ONU, que remonta a 1955, exigiria estudo de outra escala. A segunda limitação decorre da focalização exclusiva no nível microtextual, já que o encapsulamento foi descrito como operação local com efeitos argumentativos globais, ao passo que a arquitetura global dos pronunciamentos (plano de texto, sequências, segmentação macrotemática) foi tratada apenas em diálogo, sem análise sistemática.

Sublinha-se, por fim, que pesquisas futuras poderão ampliar o corpus para outros pronunciamentos presidenciais brasileiros e estrangeiros, observar a articulação entre encapsulamento e modalização discursiva, e explorar a interação entre encapsuladores verbais e elementos não verbais em material multimodal (Lima, 2017; Pinheiro; Cassiano, 2023). Constitui extensão natural deste estudo articular, em um mesmo movimento descritivo, a operação encapsuladora local e a arquitetura global do pronunciamento, mostrando como cada encapsulador específico se inscreve no plano de texto e como os planos de texto se diferenciam entre os dois projetos persuasivos. A articulação entre Linguística Textual e Teoria da Argumentação no Discurso configura-se, assim, um programa promissor para investigações futuras.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. Construction de la référence et stratégies de désignation. *Travaux Neuchâtelois de Linguistique (TRANEL)*, Neuchâtel, n. 23, p. 227-271, 1995.

BOLSONARO, J. *Pronunciamento na 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas*. Nova York, 24 set. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-a-ssembleia-geral-da-onu> . Acesso em: 28 maio 2026.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M. et al. *Linguística Textual: conceitos e aplicações*. 1ª ed. Campinas: Pontes, 2022.

CONTE, M.-E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190. (Clássicos da Linguística, v. 1).

FIGUEIRA-CARDOSO, S. Referenciação e retextualização no ensino de português como língua adicional em contexto universitário polonês. *Studia Iberystyczne*, Cracóvia, n. 21, p. 297-320, 2022. DOI: 10.12797/SI.21.2022.21.16.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*, São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-200.

GRAEFF, T. F. Encadeamento argumentativo e encapsulamento anafórico. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 188-197, jun. 2007.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, S. M. C. Referenciação e multimodalidade: revisitando os processos de recategorização e encapsulamento. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 101-114, jul./dez. 2017.

LULA DA SILVA, L. I. *Discurso na 78ª Assembleia Geral das Nações Unidas*. Nova York, 19 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-luiz-inacio-lula-da-silva-na-abertura-da-78a-assembleia-da-onu> . Acesso em: 28 maio 2026.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-101.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARQUESI, S. C.; ELIAS, V. M.; CABRAL, A. L. T. Planos de texto, sequências textuais e orientação argumentativa. In: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, M. A. L.; ELIAS, V. M. (org.). *Linguística textual e ensino*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 13-30.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

OLIVEIRA, B.; FIGUEIRA-CARDOSO, S. Expressões dêiticas em textos jornalísticos sobre a Covid-19 em português europeu e português do Brasil. *Verba hispânica*, Ljubljana, 31, 2023, p. 57-80. DOI: <https://doi.org/10.4312/vh.31.1.57-80>

PINHEIRO, C. L.; CASSIANO, H. M. O desafio da plurissemiotividade para a linguística textual. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 23, p. 1-14, 2023.

SILVA, W. B. A relação entre referenciação e argumentação. *Revista do SELL*, Uberaba, v. 2, n. 1, 2011. DOI: <https://doi.org/10.18554/rs.v2i01.42> .